

## São Paulo, um ambiente que lembra o Vale do Silício

Karina Lignelli



*A troca de informações entre grupos de investidores e empreendedores é fundamental para essa indústria. - Rafael Hupsel/Folhapress*

Mesmo com startups espalhadas por todo o País, conforme a base de dados da BizStart (confira no quadro da página 16), o ambiente de negócios favorável, as incubadoras, aceleradoras e escolas especializadas que existem em São Paulo fizeram com que a região ocupasse o 13º lugar no top 20 do relatório Startup Ecosystem Report 2012, do Startup Genome Project, diz Paolo Umberto Petrelli, diretor da AB Startup.

A pesquisa é feita com base em índices como disponibilidade de capital, desempenho, talento, tipo de apoio e tendências. "É um dos melhores ecossistemas para startups no mundo, e o principal local para esse tipo de empresa no País", explica.

José Eduardo Amato Balian, professor do curso de administração da ESPM – que tem uma incubadora de negócios com mais de 300 alunos empreendedores –, diz que, além de a cidade representar 40% do Produto Interno Bruto (PIB) do País, possui um ambiente propício que a aproxima do Vale do Silício, na Califórnia (o primeiro do relatório, seguido por Tel Aviv, em Israel), com escolas renomadas de tecnologia e negócios e grupos de investidores que impulsionam essa indústria.

"Aqui, há uma característica empreendedora muito forte. Mas isso não quer dizer que não haja pessoas em outros estados com propensão a criar uma startup. Há muita gente com ideias legais, e as incubadoras, aceleradoras e grandes eventos que aproximam empreendedores e investidores mostram que esse mercado está fervendo", complementa Balian.

Mas as startups paulistanas também encontram dificuldades, aponta a pesquisa – e semelhantes às encontradas no Vale do Silício. Entre elas, estão aquisição de clientes, construção do produto, financiamento e formação de equipe. Outro dado é que os empreendedores de São Paulo, ainda comparados aos do Vale do Silício, tem 59% menos chances de empreenderem em série. Já a média de idade deles é de 30,8 anos, e a maioria esmagadora, 93%, é formada por homens.

---

**Os gringos estão de olho e têm dinheiro**

A promissora indústria de empresas inovadoras no País chama cada vez mais a atenção dos investidores estrangeiros. De acordo com o professor Cláudio Vilar Furtado, diretor executivo do GV Cepe, o capital proveniente do exterior é responsável por financiar em torno de 40% dessa indústria. Mas o investimento não vai só para startups, explica Furtado, pois 46% dessas empresas estão em estágio inicial – ou seja, desde o seed capital (ou capital-semente) até o venture later estate (um segundo momento, quando o capital de risco investido está em andamento).

"Desse montante, 7% são alocados no modelo startup", explica. "Isso porque a predominância nesse tipo de empreendimento são soluções voltadas a softwares, internet, redes sociais ou comércio eletrônico, em que a criatividade pode ser aplicada rapidamente sem grande necessidade de investimento."

Furtado menciona novamente que, o investimento privado chega primeiro aos empreendedores com ideias muito boas e ampla visão de negócio. "Mesmo o Fundo Criatec (fundo de investimentos em capital-semente lançado em 2007 pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES), por exemplo, que foi uma ideia fantástica, recebeu 3,6 mil propostas de empreendedores em quatro anos. Mas apenas 36 foram investidos", diz, mencionando que a experiência brasileira não é diferente da norte-americana, mesmo que os laboratórios de pesquisa sejam bancados pelo governo com verbas milionárias.

O professor da ESPM, José Eduardo Amato Balian, é da mesma opinião. Segundo ele, é muito difícil para esse tipo de empreendedor conseguir recursos no sistema financeiro ou com investidores. "Só quando o projeto é bom, mas bom mesmo. Aí, chove (investimentos). Mas nem sempre é possível criar algo tão sensacional ou inédito", diz.

**Fonte: Diário do Comércio, São Paulo, 9, 10 e 11 mar. 2013, Economia, p. 18.**